

## **CAMINHOS CRUZADOS**

Maria do Carmo Schwab e a rede feminina de relações em sua trajetória

*CROSSED PATHS*

*Maria do Carmo Schwab and the female relationship network in her trajectory*

*CAMINOS CRUZADOS*

*Maria do Carmo Schwab y la red femenina de relaciones en su trayectoria*

**Julia Pela Meneghel**

*Mestranda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia (UFBA), juliapelam@gmail.com*

### RESUMO

A presença feminina no contexto da arquitetura moderna no Brasil é apresentada de forma bastante restrita na bibliografia especializada, cuja narrativa principal destaca, majoritariamente, um determinado grupo de arquitetos e suas produções como centrais na consolidação do moderno brasileiro. Tal abordagem acaba por invisibilizar a participação de outros e novos atores e as particularidades das expressões locais. Compreendendo a necessidade de uma revisão historiográfica, busca-se outras formas de refletir a participação das mulheres no cenário profissional, pensando não somente na esfera individual, mas também a partir de um conjunto de trajetórias, considerando a rede de relações existente em torno dessas personagens. Para tanto, propõe-se uma análise combinada entre a arquiteta capixaba Maria do Carmo Schwab, figura central da discussão, e três outras personagens que cruzam seu caminho profissional e acadêmico – Giuseppina Pirro, Carmen Portinho e Lygia Fernandes. Desse modo, reconhece-se paralelos entre suas trajetórias, indicando vinculações possíveis, bem como a versatilidade e amplitude de suas atuações, ainda em um contexto desfavorável, apontando, mais uma vez, o apagamento dessas figuras. Além disso, tendo como ponto de partida a trajetória da própria arquiteta, sendo ela a indicar os caminhos a serem investigados, possibilita-se o rompimento com a reprodução de análises lineares que identificam padrões principais e suas variações, permitindo novas linhas de pensamento. Vê-se, portanto, a interpretação de uma trajetória a partir da rede feminina de relações ao seu redor como potencial abordagem na revisão historiográfica.

**PALAVRAS-CHAVE:** arquitetura moderna; historiografia; rede feminina; Maria do Carmo Schwab.

### ABSTRACT

The female presence in the context of modern architecture in Brazil is presented in a very restricted way by the specialized bibliography, whose linear narrative highlighted a certain group of architects and its productions

as central to the consolidation of the Brazilian modernism. Such approach ends up making the participation of others actors and the particularities of local expressions invisible. Understanding the need of a historiographical review, we seek other ways to reflect the participation of women in the professional scenario, thinking not only in the individual sphere, but also from a set of trajectories, considering the relationship network around these characters. Therefore, we propose a combined analysis between the architects Maria do Carmo Schwab, a central figure in this discussion, and three other characters who cross her professional and academic path – Giuseppina Pirro, Carmen Portinho and Lygia Fernandes. In this way, parallels between their trajectories are recognized, indicating possible links, as well as the versatility and breadth of their performances, even in an unfavorable context, pointing, once again, to the erasure of these female figures. In addition, having as a starting point the trajectory of the architect itself, being her to indicate the paths to be investigated, it is possible to break the reproduction of linear analyzes that identify main patterns and their variations, allowing new lines of thought. Therefore, the interpretation of a trajectory from the female relationship network perspective it is seen as a potential approach in the historiographical review.

**KEYWORDS:** modern architecture; historiography; female network; Maria do Carmo Schwab.

#### RESUMEN

La presencia femenina en el contexto de la arquitectura moderna en Brasil se presenta de manera muy restringida en la bibliografía especializada, cuya narrativa consolidada destacó a un determinado grupo de arquitectos y sus producciones como centrales para la consolidación de la modernidad brasileña. Tal enfoque termina por invisibilizar la participación de otros y nuevos actores y las particularidades de las expresiones locales. Entendiendo la necesidad de una revisión historiográfica, buscamos otras formas de reflexionar la participación de la mujer en el escenario profesional, pensando no solo en el ámbito individual, sino también desde un conjunto de trayectorias, considerando la red de relaciones existentes en torno a estas personajes. Por lo tanto, proponemos un análisis combinado entre la arquitecta Maria do Carmo Schwab, figura central de la discusión, y otras tres personajes que cruzan su camino profesional y académico: Giuseppina Pirro, Carmen Portinho y Lygia Fernandes. De esta forma, se reconocen paralelismos entre sus trayectorias, indicando posibles vínculos, así como la versatilidad y amplitud de sus actuaciones, incluso en un contexto desfavorable, apuntando, una vez más, la supresión de estas figuras en la historia. Además, teniendo como punto de partida la trayectoria de la propia arquitecta, siendo ella quien indica los caminos a investigar, es posible romper con la reproducción de análisis lineales que identifican patrones principales y sus variaciones, permitiendo nuevas líneas de pensamiento. Por lo tanto, la interpretación de una trayectoria desde la red femenina de relaciones se vislumbra como un abordaje potencial en la revisión historiográfica.

**PALABRAS CLAVES:** arquitectura moderna; historiografía; red femenina; Maria do Carmo Schwab.

## INTRODUÇÃO

A história da arquitetura moderna brasileira, de forma majoritária, é contada com base em uma narrativa consolidada que destaca a atuação de um específico grupo de arquitetos consagrados internacionalmente. Figuras como a de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer são centrais nessa história, somado a outros nomes recorrentes como a de Affonso Eduardo Reidy, Roberto Burle Marx e João Vilanova Artigas, por exemplo. Ao mesmo tempo, delimita-se um recorte geográfico em evidência, especialmente o eixo Rio de Janeiro – São Paulo, ao tratar de obras e personagens abordados. Apesar da relevância de tais contribuições teórico-práticas na consolidação e no reconhecimento de uma arquitetura nacional, o interesse constante em um determinado grupo de profissionais reitera uma abordagem reducionista do conjunto variado e heterogêneo que caracteriza a produção brasileira daquele momento. A manutenção dessa perspectiva historiográfica acaba por invisibilizar a participação de outros/novos atores e as particularidades das expressões locais.

Ao pensarmos a partir de uma perspectiva de gênero, considerando a bibliografia canônica da arquitetura brasileira, pouco espaço é destinado a atuação e produção das mulheres arquitetas. No caso do catálogo visual de Mindlin (1956; 1999), por exemplo, são contempladas apenas Lina Bo Bardi e Lygia Fernandes, a primeira com dois projetos – a Casa de Vidro (1951) e o Museu de Arte Moderna de São Paulo (1957-69); e a segunda com uma única obra, a Residência Dr. João Paulo de Miranda Neto (1953). Em relação aos panoramas propostos por Bruand (1981) e Segawa (1998/2002), embora tenham propostas historiográficas diferentes, é ainda bastante restrita a discussão acerca da produção arquitetônica feminina, ocorrendo mais exclusivamente em torno da figura de Lina Bo Bardi<sup>1</sup>, ao abordar sua trajetória e obra arquitetônica, ainda que de forma bastante breve. Nomes como os de Mina Klabin e Carmen Portinho, por exemplo, são apenas citadas por Bruand, ainda que grande espaço tenha sido destinado a projetos em que estavam envolvidas, a Casa à Rua Santa Cruz (1927-28) e os Conjuntos do Pedregulho (1950-65) e da Gávea (1952), respectivamente. No livro de Carlos Lemos (1979) não é diferente, ressalta-se a figura de Bardi em poucas linhas (LEMOS, 1979, p.157). Enquanto Cavalcanti (2006), ainda que uma publicação mais recente, mantém a mesma perspectiva, citando o nome de Lina Bo Bardi apenas na cronologia final, pontuando as datas dos seus projetos mais conhecidos. Mais espaço, porém, é concedido a figura da engenheira Carmen Portinho e seu papel efetivo e ideológico no projeto do Conjunto do Pedregulho (CAVALCANTI, 2006, p.143). Ainda assim, de forma geral, a inclusão da figura feminina nesta bibliografia é bastante incipiente, partindo de poucas e repetidas personagens, com espaço bastante restrito e carecendo de uma abordagem crítica.

Nas últimas décadas, entretanto, contando com a importante atuação dos núcleos de pós-graduação do país, é crescente o número de trabalhos acadêmicos que buscam enfrentar a questão do gênero na arquitetura, com as mais variadas intenções. Enquanto certas pesquisas pretendem identificar as pioneiras no cenário profissional brasileiro (SERRANO, 2013); outras se concentram em dar destaque a trajetórias e produções específicas (BIERRENBACH, 2006; PEREIRA, 2014; MENEGHEL, 2018; ESPINOZA; VASCONCELOS, 2019; FREIRE, 2022); ou a personagens atuantes em uma determinada região (SILVA, 2018; ADAME, 2020; COSTA, 2022). Ainda que nem todas tenham como abordagem principal a questão do gênero, por darem espaço a figuras e produções femininas convergem em um mesmo

objetivo: construir novas narrativas. Assim, com suas especificidades, contribuem conjuntamente para dar visibilidade a experiências até então desconhecidas, em uma tentativa de resgatar “nossas antepassadas da bruma” (MONTERO, 2020).

Ao mesmo tempo, escrever a história das mulheres significa também “criticar a própria estrutura de um relato apresentado como universal, nas próprias palavras que o constituem, não somente para explicitar os vazios e os elos ausentes, mas para sugerir uma outra leitura possível” (PERROT, 1995, p.9). Portanto, além de conformar uma nova perspectiva historiográfica, permite novas interpretações a respeito de um mesmo contexto histórico-cultural. Nesse sentido, é importante que não seja feita de forma a apenas incluir as mulheres nessas narrativas, mas sim conferir-lhes o mesmo lugar destinado a tantas figuras masculinas. É necessário não somente tratar essa invisibilidade, elucidando sua presença nesse contexto, mas integrá-las ao debate teórico-crítico da arquitetura moderna brasileira, discutir sua representatividade no cenário arquitetônico local e/ou nacional, seja na consolidação de uma linguagem, seja a considerar seu papel no desenvolvimento da modernidade no país.

Como tratamos de uma nova abordagem, as fontes disponíveis são mais escassas, exigindo, assim, uma pesquisa de base múltipla e diversa, atenta aos rastros e indícios dessas trajetórias. Conforme Montero (2020) nos fala: “[...] há uma história que não está na história e que só pode ser resgatada aguçando-se o ouvido e escutando os sussurros das mulheres”. Diz-se os “sussurros” de suas trajetórias, dos lugares percorridos, dos contatos realizados, dos projetos desenvolvidos, entre outros. São tais vestígios que vão apresentar a pluralidade dessas experiências, conforme explorado neste artigo.

É importante pontuar, os sombreamentos presentes na bibliografia consolidada, na tentativa de rever certos cânones, não diz respeito apenas a questão de gênero. A participação de outras identidades étnicas e raciais, de regiões até então desconsideradas e o papel dos ateliês, equipes e escolas, por exemplo, seja na formação profissional, seja no desenvolvimento do projeto arquitetônico, também são temas cruciais para repensar essa história. Vale ressaltar que muitos personagens masculinos também foram tratados de forma secundária, sendo citados apenas ocasionalmente, e merecem, do mesmo modo, atenção nesse processo de remontagem. De toda forma, para efeito deste trabalho, toma-se como questão principal a perspectiva feminina no contexto moderno brasileiro.

No presente artigo, tomando como personagem central do estudo a arquiteta capixaba Maria do Carmo Schwab, propõe-se uma análise combinada entre a sua trajetória e a de outras três personagens femininas importantes no cenário brasileiro – Giuseppina Pirro, Carmen Portinho e Lygia Fernandes. Tais nomes são tomados a partir de uma aproximação ao percurso acadêmico e profissional da arquiteta capixaba, cujas experiências perpassam, em determinado momento, a atuação das outras três profissionais citadas. Pretende-se, pois, buscar uma outra forma de refletir a presença feminina na historiografia, pensando não somente a esfera particular de uma atuação, mas também a partir de um conjunto de trajetórias paralelas. Seria oportuno, portanto, considerar a existência de uma possível rede de relações, ainda que dada de forma inconsciente, entre as figuras femininas atuantes em um mesmo contexto, entendendo que “o quadro brasileiro não se restringe apenas aos modelos de uma corrente principal e suas variações” (SEGAWA, 2019, p.23).<sup>2</sup>

## CAMINHOS CRUZADOS

Para discutir a perspectiva feminina no contexto moderno nacional, procura-se trabalhar a partir de trajetórias paralelas. Porém, a seleção das mesmas não se dá de forma aleatória, considera-se o cruzamento de caminhos e possíveis contatos estabelecidos entre arquitetas mulheres. Para tanto, tendo como eixo guia da discussão a trajetória de Maria do Carmo Schwab<sup>3</sup>, busca-se, em primeiro lugar, remontar de que forma o caminho das quatro personagens de interesse – Schwab, Pirro, Portinho e Fernandes – se cruzam.

Maria do Carmo de Novaes Schwab é protagonista no contexto de consolidação da arquitetura moderna no Espírito Santo. Fora sua representatividade e pioneirismo enquanto arquiteta mulher e capixaba, sua abrangente trajetória e produção a colocam como uma das personagens de maior relevância nesse cenário, tendo significativa contribuição para o processo de modernização do estado. Nascida em 1930 na cidade de Vitória, Espírito Santo, e integrante de uma família tradicional capixaba, Maria do Carmo Schwab se forma arquiteta (Figura 1), em 1953, pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Durante a graduação, realiza estágio junto ao Departamento de Habitação Popular do Distrito Federal, então Rio de Janeiro, sob coordenação do arquiteto Affonso Eduardo Reidy, onde atua diretamente no projeto do Conjunto do Pedregulho – Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes.

Após a finalização do curso, retorna à Vitória e integra, junto aos arquitetos Élio de Almeida Vianna e Marcelo Vivácqua, o grupo de profissionais responsável pela consolidação da arquitetura moderna no estado. Atua ativamente entre as décadas de 1950 e 1980 enquanto profissional liberal e em diversas instituições públicas, como a Secretaria de Viação e Obras Públicas do Espírito Santo (SVOPEs) e a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), primeiro enquanto diretora do Departamento de Planejamento e Obras e, em seguida, no posto de arquiteta da instituição, participando do processo de construção do *campus* universitário. Sua atuação compreende uma abrangente produção arquitetônica, em termos quantitativos e qualitativos, totalizando mais de 200 propostas desenvolvidas nas mais variadas escalas e tipologias de projeto<sup>4</sup>. Além disso, apresenta uma importante trajetória junto ao departamento estadual do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-ES), contribuindo para a fundação do núcleo capixaba junto ao arquiteto Élio Vianna, em 1967, e ocupando o cargo de vice-presidente, entre 1968/71, e de presidente, no biênio 1974/75.

Porém, é ainda no contexto carioca, durante sua experiência acadêmica, logo, entre 1949 e 1953, que os pontos de contato com as demais profissionais ocorrem. A primeira delas, Giuseppina Pirro<sup>5</sup>, atuante como professora da disciplina de Geometria Descritiva na FNA, aparece na relação de docentes homenageados pela turma de formandos de 1953<sup>6</sup>, da qual Schwab faz parte. É nesse indício que se revela a primeira possibilidade de contato entre elas, em uma inicial relação professora-aluna. A atuação continuada junto ao IAB, em ambas trajetórias, Schwab na representação estadual e Pirro no núcleo nacional, revela um outro possível cruzamento entre as personagens, agora como colegas de profissão.

Em relação à Carmen Portinho<sup>7</sup> e Lygia Fernandes<sup>8</sup>, o ponto de encontro acontece dentro de uma mesma experiência, no Departamento de

Habituação Popular, onde Schwab estagia por três anos. O departamento é liderado pela engenheira e urbanista Carmen Portinho, que entendia o enfrentamento do tema da habitação coletiva a partir de um conceito urbano (CAIXETA, 2002, p.61). Embora o nome de Affonso Eduardo Reidy seja constantemente lembrado ao tratar da produção do DHP, arquiteto então coordenador e companheiro de Portinho, a figura de Carmen se apresenta influente nesse contexto, desde uma perspectiva ideológica, mas também de liderança dos empreendimentos. No mesmo período, a arquiteta Lygia Fernandes integra a equipe técnica do mesmo departamento, no Serviço de Planejamento, ao lado de Reidy e do também arquiteto Francisco Bolonha. Outras fontes também sinalizam a contemporaneidade dessas experiências (MIRANDA, 2011, p.10).

Embora não seja possível confirmar uma relação direta e contínua entre tais personagens, as experiências paralelas nas mesmas instituições e períodos revelam possibilidades interessantes para análise. Ao tratarmos de outras histórias, paralelas aquela canônica, faz-se necessário buscar fontes e perspectivas diversas para a reflexão crítica sobre o objeto, considerando o restrito material especializado disponível para pesquisa. Desta forma, tomando como ponto central a arquiteta Maria do Carmo Schwab, trabalha-se a partir de indícios presentes na sua trajetória e produção. Neste sentido, adota-se uma abordagem mais livre quanto às relações a serem investigadas, rompendo com narrativas evolutivas já consolidadas, que acabam por reiterar análises comparativas a partir da obra paradigmática, acrescentando novas personagens e possibilidades investigativas. A proposta é que os vestígios de seu próprio percurso nos indiquem os caminhos a seguir.

## **A REDE FEMININA DE RELAÇÕES E A ARQUITETA MARIA DO CARMO SCHWAB**

A partir do cruzamento dessas quatro trajetórias, abre-se uma oportunidade de reflexão sobre as possíveis relações estabelecidas entre as personagens, seja de forma direta ou indireta, entendendo de que modo suas atuações se aproximam ou se distanciam. Tal leitura, combinando experiências distintas, mas paralelas no tempo, favorece novas interpretações do ponto de vista da experiência individual, mas também naquela coletiva, podendo ser representativa do próprio contexto em que estão inseridas. Certamente, a presença de profissionais mulheres em destaque no meio, ainda que de forma inconsciente, contribuem para consolidar os caminhos profissionais possíveis a tantas outras, além de revelar a multiplicidade de trajetórias femininas presentes na nossa história, em grande parte, não reconhecidas.

### **GIUSEPPINA PIRRO**

Ao longo da formação acadêmica de Maria do Carmo Schwab não são destacados, pela própria arquiteta, nomes de docentes que teriam sido importantes na sua experiência universitária. Na verdade, chama atenção para o fato dos seus professores não desenvolverem, na prática, a arquitetura moderna em voga no país, mantendo uma abordagem tradicional frente a arquitetura<sup>9</sup>. No entanto, a partir da lista de docentes homenageados por sua turma, surge um nome curioso – Giuseppina Pirro.

Não apenas pelo caráter representativo, sendo uma mulher arquiteta em meio a tantos homens no corpo docente da Faculdade de Arquitetura, Pirro

chama atenção por sua atuação plural, expandindo-se para além da atividade acadêmica. Seu trabalho junto ao Escritório Técnico da Universidade do Brasil<sup>10</sup> pode ser diretamente associado à trajetória traçada por Schwab junto à Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Do mesmo modo que Pirro atua continuamente no planejamento da cidade universitária no Rio de Janeiro, na sua complexidade e múltiplas escalas de intervenção; Schwab participa do processo de implantação e consolidação do *campus* universitário capixaba, desde as discussões sobre a área a ser implantado, até o planejamento urbano e projetos de edifícios unitários, como o Escritório de Campo (1967) (Figura 1).

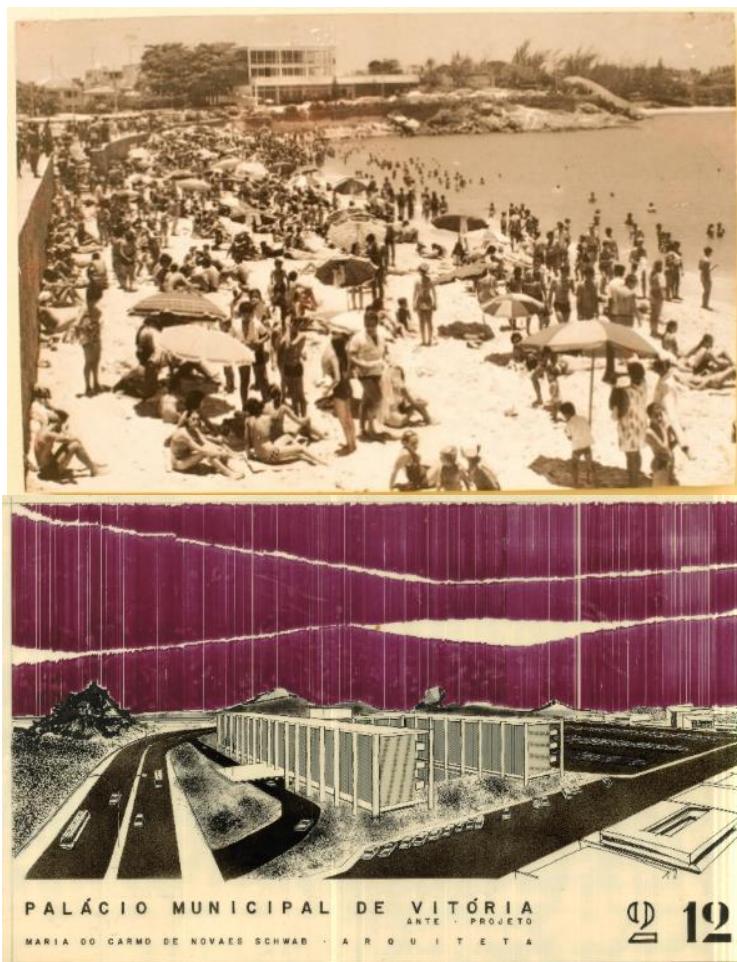
Figura 1: Edifício Escritório de Campo (1967), também conhecido como "Catetinho" ou "Castelinho", no *campus* universitário da UFES.



Fonte: arquivo de Maria do Carmo Schwab, reunido e digitalizado pela Profa. Clara Miranda.

Além disso, sua plena atividade profissional durante a formação de Schwab pode ter chamado atenção e apresentado caminhos possíveis no mercado, muito mais do que uma linguagem a ser acompanhada. A participação em concursos de projeto é uma frente de atuação em ambas trajetórias, citando a proposta para a Sede do Jôquei Clube do Rio de Janeiro (1948), elaborado pela equipe composta por Pirro, Lygia Fernandes, Israel Correia e Francisco Bolonha; e os projetos para a Sede do Clube Libanês do Espírito Santo (1958) e a Sede do Palácio Municipal (1972), por exemplo, na experiência da arquiteta capixaba (Figura 2 e 3).

Figura 2 e 3: Sede do Clube Libanês do Espírito Santo (1958), localizado em Vila Velha, ES (3); e a proposta apresentada para o Palácio Municipal de Vitória (1972), não executado (4).



Fonte: arquivo de Maria do Carmo Schwab, reunido e digitalizado pela Profa. Clara Miranda

Outro paralelo na atuação das arquitetas é a presença ativa no IAB. Enquanto Schwab apresenta uma interessante trajetória junto ao departamento estadual capixaba, Pirro iniciou sua participação como membro do conselho diretor e fiscal do IAB no início da década de 1950, tendo sido presidente do Comitê de Congressos e Exposições Nacionais, em 1953, e participado do comitê organizador da II Bienal de Arquitetura (FREIRE, 2022, p.148). Enquanto Pirro é apontada como a primeira mulher a compor uma equipe de gestão do instituto, a partir de 1951 (FREIRE, 2022, p.148); Maria do Carmo Schwab é indicada como a primeira mulher presidente de um departamento da instituição no país<sup>11</sup>; assim, ambas representam o pioneirismo feminino frente à instituição, com atuações continuadas que reverberam nacionalmente.

Ainda nesse contexto, demonstram-se atentas às discussões a nível internacional, participando, cada uma em seu tempo, do Congresso Mundial da União Internacional de Arquitetos (UIA). Giuseppina Pirro, ao lado de Sebastião Almeida Pocinhos, participa da fundação da UIA, no primeiro congresso realizado em 1948, sendo representantes brasileiros (FREIRE, 2022, p.149). Schwab, no entanto, participa do XII Congresso do UIA, em 1975, durante sua presidência no departamento do Espírito Santo. Não



se sabe, porém, se vai enquanto representante do núcleo ou de forma independente, porém relata sua experiência nas reuniões internas ao departamento (IAB, 1975, p.75).

Em relação à abordagem frente ao projeto arquitetônico, talvez Giuseppina Pirro seja um ponto de contato com a produção moderna no interior da experiência acadêmica, ainda que a disciplina da qual era responsável<sup>12</sup> possuía um caráter mais abstrato do que prático de projeto. A respeito da arquitetura, defende a corrente moderna, compreendida como aquela compatível com a mentalidade e o contexto da época, sendo resultado da evolução da técnica e tendo relação lógica com os materiais então disponíveis (POSSIBILIDADE, 1952, p.7). Seu discurso ressaltando aspectos técnicos e materiais, aproxima-a de uma perspectiva racionalista da obra moderna, o que também se mostra primordial no projetar de Maria do Carmo Schwab.

## **CARMEN PORTINHO**

No contexto do DHP, tem-se uma perspectiva feminina interessante a ser considerada. Embora a arquiteta Maria do Carmo Schwab afirme não ter enfrentado problemas referentes à questão de gênero durante sua trajetória, certamente a presença de profissionais mulheres em destaque em seu meio serviram, ainda que de forma inconsciente, como inspiração no campo profissional, especialmente em um cenário ainda muito dominado pelo sexo masculino. Nesse sentido, destaca-se Carmen Portinho, figura feminina a frente da diretoria do departamento até 1960.

Importante acrescer a ênfase dada à experiência de estágio pela própria Maria do Carmo Schwab, considerando uma importante etapa de sua formação e de contato com a produção moderna. Na literatura especializada, é comum abordar a experiência de Schwab no DHP e relacioná-la à figura do arquiteto Affonso Eduardo Reidy, apontando influências de seu processo de trabalho e no próprio entendimento da arquitetura. Certamente torna-se uma referência essencial para a arquiteta, no entanto, nada se fala do restante do corpo técnico ali presente e, inclusive, da potência da figura de Portinho.

Internamente ao DHP, existiam duas forças majoritárias e independentes, representadas pelas figuras de Portinho e Reidy que se coadunaram por compartilharem os ideais da arquitetura e urbanismo modernos. “Carmen Portinho, engenheira e feminista, foi a força motriz. Affonso Reidy, arquiteto e urbanista, ligado ao movimento moderno no Brasil, a intelectualidade arquitetônica, liderando a equipe de arquitetos e engenheiros” (NASCIMENTO, 2004, p.117). Assim, ainda que não tenham estabelecido um contato direto, visto a ocupação de cada uma dentro do departamento, pode-se imaginar, ao menos, uma inspiração a partir de Portinho e o trabalho cuidadoso exercido por ela. Um verdadeiro comprometimento com seus ideais e princípios, algo também identificável na atuação da capixaba.

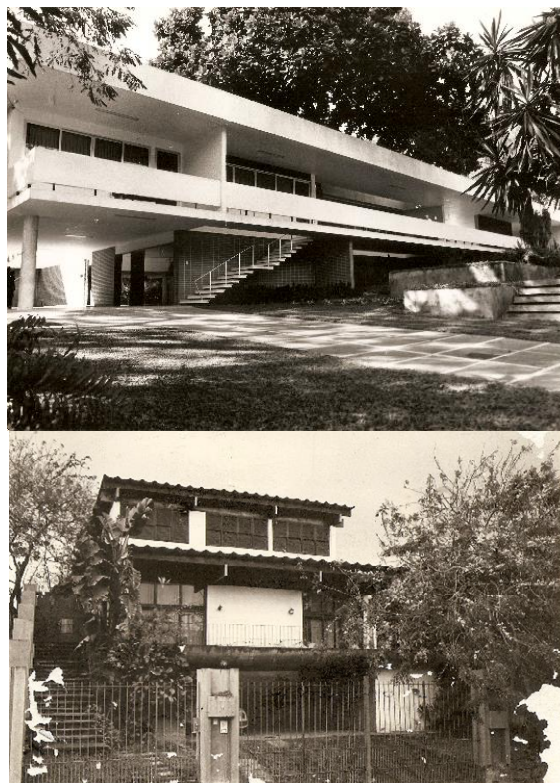
Ainda, a defesa do ideário moderno pode ser outro traço vinculável entre ambas profissionais. Enquanto Schwab demonstra na sua produção arquitetônica, mantendo-se fiel à linguagem moderna, ainda que existam transformações em seu repertório no recorte temporal; Portinho tem uma importante atuação na divulgação e afirmação da arquitetura e urbanismo modernos no país, não apenas através de seu trabalho, mas também na

sua dedicação à Revista da Diretoria de Engenharia da Prefeitura do Distrito Federal (PDF), a partir de 1932. Fora isso, tendo à frente uma profissional engenheira e urbanista, a atenção à técnica, ao rigor construtivo e às diferentes escalas de projeto presentes no projetar de Schwab podem estar a ela atreladas.

### LYGIA FERNANDES

Dentro do mesmo ambiente, outra personagem de possível contato é a arquiteta Lygia Fernandes. Embora não seja confirmada uma relação direta de trabalho, sabe-se que ambas atuam simultaneamente no DHP, conforme aponta Miranda (2011, p.10). Ainda assim, mais uma vez, apresenta-se uma personagem feminina de trajetória ampla e diversificada, com atuações no mercado particular e em instituições públicas de planejamento; um paralelo entre suas trajetórias. Assim como Schwab, totalizando cerca de 115 projetos para residências unifamiliares (Figura 4 e 5), Lygia apresenta uma interessante produção particular na mesma tipologia, como a Casa de Fim de Semana, na Tijuca (1952), publicada internacionalmente, e a Res. Paulo Netto (1953).

Figura 4 e 5: Residência Camilo Cola (1968), em Cachoeiro de Itapemirim, ES (5); e Residência Marco Aurélio dos Santos Gomes (1974), em Vitória, ES (6).



Fonte: arquivo de Maria do Carmo Schwab, reunido e digitalizado pela Profa. Clara Miranda

A participação em concursos públicos<sup>13</sup>, a experiência profissional, tendo atuado com arquitetos importantes do contexto, como Jorge Machado Moreira, Henrique Mindlin<sup>14</sup> e Reidy, e sua dedicação ao serviço público, trabalhando no planejamento, elaboração e fiscalização, demonstram sua

versatilidade enquanto profissional. Bem como visto no percurso de Schwab, mas também em Pirro e Portinho aqui citadas, apresenta-se a abrangência alcançada por essas profissionais em seus campos de atuação.

Outro paralelo dessa atuação está na participação no Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), tendo Lygia assumido um cargo no Conselho Diretor em 1955 (ESPINOZA; VASCONCELOS, 2019, p.6). Embora não se revele informações sobre uma atuação mais contínua junto à instituição, podendo representar uma colaboração mais pontual, revela o interesse compartilhado entre as arquitetas atuantes em prol da regulamentação da profissão e nos debates a nível nacional.

Uma questão interessante a ser acrescida, em entrevista (FERNANDES, 2002), Lygia Fernandes rememora o desenvolvimento de pequenos projetos residenciais a serem distribuídos para a população de baixa renda. Afirma ter sido habitual solicitar a seus então estagiários propostas para essas modestas residências, ficando arquivadas no próprio DHP. Não se sabe se Schwab se inclui nesse recorte, mas poderia ser uma inicialização nos princípios da economia, posteriormente reconhecível em sua abordagem projetual, através da inclusão da modulação e compatibilização no processo construtivo. Inclusive, faz lembrar um pequeno projeto residencial apresentado pela arquiteta Maria do Carmo Schwab durante entrevista<sup>15</sup>. Pensada para o sítio da família, com intenção de abrigar a casa do caseiro, em uma área de 5m x 6m, inclui-se todo o programa – varanda, sala, quarto, banheiro, cozinha e área de serviço. Segundo ela, o projeto foi desenhado rapidamente e toda a construção realizada em três dias. Apesar da simplicidade da proposta, Schwab atribui importância ao projeto, comparando-o a outros mais reconhecidos da sua produção. Poder-se-ia imaginar, aqui, uma conexão às propostas comentadas por Fernandes quando no DHP.

Em relação à obra arquitetônica propriamente dita, existem pontos de contato, muito vinculadas ao repertório moderno, especialmente quanto à aproximação ao objeto arquitetônico. Tem-se a atenção ao conforto térmico como constante em suas arquiteturas, assim como o cuidado com o detalhamento projetual, atuando nas múltiplas escalas do projeto. De modo semelhante, ambas produções demonstram a capacidade profissional de transitar entre as diferentes escalas da arquitetura e a prevalência de uma leitura abrangente do projeto arquitetônico, preocupando-se da perspectiva urbana ao detalhamento.

Assim, apesar de tais aspectos poderem indicar certa conexão entre suas obras, talvez, as correspondências destacadas estejam mais relacionadas à filiação a uma mesma linguagem do que a relações de influência estabelecidas diretamente entre elas. De toda forma, a presença de uma segunda mulher em posição de destaque no DHP, chegando a ocupar o cargo de Chefe do Serviço de Planejamento, deve ser ressaltado, especialmente dentro da trajetória de outra figura feminina.

## CONCLUSÃO

Ao realizar uma leitura combinada entre as trajetórias profissionais de quatro mulheres atuantes no contexto da arquitetura moderna brasileira, mantendo uma como eixo guia para as reflexões, pretende-se apresentar uma abordagem alternativa na busca por uma revisão historiográfica acerca da presença feminina no cenário profissional.

Em primeiro lugar, tal reflexão permite a visibilização de trajetórias plurais e versáteis em um contexto ainda dominado pelo sexo masculino. As quatro profissionais mulheres aqui tratadas apresentam percursos particulares mas com ampla atuação profissional, abrangendo diferentes frentes de trabalho – o mercado privado, as instituições públicas, a academia e os órgãos de classe, por exemplo. Com atuações persistentes e consistentes em relação aos ideais que acreditam, alcançam importantes lugares ao longo de suas trajetórias e apresentam uma significativa produção arquitetônica e urbanística. Dessa forma, faz-nos pensar que sempre existiram as mulheres capazes de superar as difíceis circunstâncias de seus contextos históricos, embora permaneçam majoritariamente anônimas. Revela-se, assim, uma questão historiográfica a ser enfrentada, embora já iniciada, especialmente, pela crescente presença feminina na produção científica, na tentativa de resgatar suas antepassadas e dar luz a suas trajetórias e produções.

Outra perspectiva interessante que a abordagem adotada nos traz, aqui experienciada na figura da arquiteta Maria do Carmo Schwab, é a adoção de uma análise baseada em uma possível rede de relações em torno da profissional. Pensa-se a construção de um repertório próprio como uma ação interna à atuação da arquiteta, mas com influências diretas das relações estabelecidas externamente, existindo um processo de síntese. Tais relações, porém, são múltiplas, muitas vezes inconscientes, e não se dão de forma linear. Acredita-se que a reflexão a partir dessa rede possa ser interessante para ajudar-nos a distanciar-nos de uma narrativa linear e evolutiva, sempre levando a considerar as mesmas correntes “principais” (ainda que importantes) como a única fonte de reverberação de princípios e soluções. Do ponto de vista da questão do gênero, como o exemplo aqui realizado, compreende-se o crescimento dessa potencialidade em uma perspectiva historiográfica, ao falarmos de uma rede feminina. Assim, dar espaço não apenas a suas trajetórias e produções, mas refletir sobre as possíveis relações estabelecidas entre tais personagens, identificando convergências e divergências nos seus processos, e de que forma isso reflete no próprio contexto em que estão inseridas.

Assim, pode-se dizer que este artigo traz mais possibilidades de reflexão do que respostas às questões inicialmente levantadas. Não necessariamente nos apresenta resultados concretos, porém incita a problematização de um tema pertinente ao debate historiográfico, propondo abordagens alternativas para a leitura dessas outras arquiteturas.

Por fim, espera-se contribuir para a visibilização de personagens tão plurais e versáteis, muitas vezes sombreadas pela atuação de seus parceiros, sejam eles pessoais ou profissionais, ou esquecidas pela bibliografia consolidada. Maria do Carmo Schwab, Giuseppina Pirro, Carmen Portinho e Lygia Fernandes são pioneiras, cada uma em seu contexto e circunstâncias, e exemplos da presença feminina no contexto moderno brasileiro, que deve ser continuamente ampliado.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) na realização do presente trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAME, Telmi. **Nenhuma a menos: ampliando a história da arquitetura moderna em Salvador (1936-1969)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

BIERRENBACH, Ana Carolina. **El caracol y el lagarto: abstracción y mimesis en la arquitectura de Lina Bo Bardi**. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura). Universitat Politècnica de Catalunya, UPC, Barcelona, 2006.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2018.

CAIXETA, Eline M. M. P. **Uma arquitetura para a cidade: a obra de Affonso Eduardo Reidy**. In: Arqtexto (UFRGS), Porto Alegre, v. 2, p. 58-67, 2002.

CAVALCANTI, Lauro. **Moderno e Brasileiro. A história de uma nova linguagem na arquitetura (1930-60)**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2006.

COSTA, Júlia M. **Mulheres modernas: a ação das arquitetas peregrinas em São Luís-MA**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2022.

ESPINOZA, José C. H. VASCONCELOS, C. D. C. **Lygia Fernandes: uma arquiteta modernista**. In: 13º Seminário Docomomo Brasil, 2019, Salvador. Anais do 13º Seminário Docomomo\_Brasil. Salvador: Instituto de Arquitetos do Brasil. Departamento da Bahia, 2019. v. 1.

FERNANDES, Lygia. **Entrevista com a arquiteta Lygia Fernandes**. [Entrevista concedida a] Marcos Costa. 10 de maio 2002. Disponível em <https://marcosocosta.wordpress.com/2010/12/24/entrevista-com-lygia-fernandes/>. Acesso em 05 nov. 2022.

FREIRE, Giovanna T. **Buscando a Giuseppina Pirro: Entre los indicios de una trayectoria plural y su invisibilidad historiográfica**. In: Miradas Plurales y Diversas. La mujer en la arquitectura de América Latina en el siglo XX. Quito: CAE-P, 2022, p.134-175. Disponível em: <https://issuu.com/caepichincha/docs/publicacion-digital>. Acesso em: 05 nov. 2022.

INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL DO ESPÍRITO SANTO. **Arquivo IAB-ES**. Livro de atas das reuniões do Conselho Diretor realizadas entre 1973 e 1975. p.1-81.

LEMOS, Carlos Alberto C. **Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

MENEGHEL, Julia Pela. **A linguagem moderna na arquitetura capixaba. A contribuição de Maria do Carmo Schwab**. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2018.

MINDLIN, Henrique E. **Arquitetura Moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.

MIRANDA, Clara Luiza. **A arquitetura moderna brasileira: experiência e expectativa de modernização do Espírito Santo**. In: 9 Seminário DOCOMOMO Brasil, 2011, Brasília. 9 Seminário Docomomo Brasil Interdisciplinaridade, experiência em documentação, preservação do patrimônio recente. Brasília: UnB-FAU, 2011. v. 1.

MONTERO, Rosa. **A vida invisível**. El País, Madrid, 04 dez. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-12-04/a-vida-invisivel.html#:~:text=Porque%20h%C3%A1%20uma%20hist%C3%B3ria%20que%20escutando%20os%20sussurros%20das%20mulheres>. Acesso em: 05 nov. 2022.

NASCIMENTO, Flávia Brito. **Entre a estética e o hábito: o Departamento de Habitação Popular (Rio de Janeiro, 1946-1960)**. Dissertação (Mestrado em História e Teoria da Arquitetura e do Urbanismo). Escola de Engenharia de São Carlos – Universidade de São Paulo, São Carlos, 2004.

PEREIRA, Maíra T. **As casas de Lina Bo Bardi e os sentidos de habitat**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

PERROT, Michelle. **Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência**. Cadernos Pagu, Campinas, n.4, p. 9-28, mar/1995.

**POSSIBILIDADES da mulher na arquitetura**. Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 5 junho 1952, p.7.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SEGAWA, Hugo. **Vertentes da modernidade no Brasil**. In: HUAPAYA ESPINOZA, J. C.; CARVALHO, R. M. (Org.); PESSOA, T. M. (Org.). Docomomo-Brasil: novas formulações no campo da arquitetura e urbanismo. 1. ed. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2019. v. 1. p.21- 28.

SERRANO, Cinthia L. **Arquitetura & Gênero: O resgate de pioneiras no cenário profissional**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

SILVA, Fernanda A. F. **Onde estão as mulheres arquitetas maceioenses? Um levantamento sobre a produção arquitetônica feminina em Maceió desde a década de 50 até os dias atuais**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

## NOTAS

---

1 Ver BRUAND, 2018, p.267-268; SEGAWA, 2002, p.134-136.

2 É válido pontuar que este artigo é um desdobramento de reflexões provenientes de pesquisa de mestrado que tem como objeto de estudo a produção da arquiteta Maria do Carmo Schwab, buscando compreender o processo de constituição da sua linguagem projetual, bem como as relações estabelecidas com outras arquiteturas, orientada pela Profa. Dra. Ana Carolina Bierrenbach.

3 Considerando o estado de saúde debilitado da arquiteta Maria do Carmo Schwab e, portanto, a impossibilidade de contato direto com a mesma, explora-se os indícios presentes em sua trajetória acadêmica e profissional ao traçar as relações a serem investigadas. Embora compreenda uma dimensão imaginativa no cruzamento desses caminhos, as três personagens selecionadas experienciam o mesmo contexto acadêmico e/ou profissional da arquiteta capixaba, sendo os prováveis pontos de contato também citados em fontes secundárias, revelando possíveis relações estabelecidas, direta ou indiretamente.

4 Ver MENEGHEL, 2018.

5 Imigrante italiana, gradua-se arquiteta em 1945 pela Faculdade Nacional de Arquitetura, no Rio de Janeiro. Possui uma atuação profissional bastante plural,

---

integrando a equipe do Escritório Técnico (ETUB) da Universidade do Brasil e atuando como professora da disciplina de Geometria Descritiva na mesma instituição, desde 1948. Participa ativamente do Instituto de Arquitetos do Brasil, desde sua graduação; sendo uma das representantes brasileiras no I Congresso UIA, em 1948; além de colaborar com periódicos especializados, citando a “**Revista de Arquitetura**”, “**A Casa**” e “**L’Architecture d’Aujourd’hui**” (FREIRE, 2022).

**6** Informação disponibilizada pelo Núcleo de Pesquisa e Documentação-UFRJ, consulta em 2018.

**7** Carmen Velasco Portinho (1903-2001) se forma em engenheira civil pela Escola Politécnica da Universidade do Brasil, em 1925, sendo a terceira mulher a fazê-lo. Mais adiante, em 1939, gradua-se também em urbanismo pela Universidade do Distrito Federal (UDF), precursora da UERJ, cuja proposta de “Ante-projeto para a futura Capital do Brasil no Planalto Central” lhe rendeu o título, sendo agora a primeira mulher a conquistá-lo. Além de seu trabalho à frente da Diretoria do Departamento de Habitação Popular da Prefeitura do Distrito Federal, entre 1956 e 1960, exerce importante contribuição na divulgação e circulação do ideário moderno na escala nacional através da Revista da Diretoria de Engenharia. Além disso, apresenta uma interessante trajetória junto ao movimento feminista.

**8** Lygia Fernandes se forma arquiteta em 1945 pela recém-criada Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, seguindo mais um ano para tirar o título de urbanista. Após a graduação, trabalha junto ao arquiteto Henrique Mindlin e, em seguida, com o arquiteto Jorge Machado Moreira. Mais adiante, inicia sua carreira pública, entrando para o Serviço de Planejamento do Departamento de Habitação Popular. Anos depois, integra o Departamento de Parques e Jardins, aposentando-se pelo Departamentos de Estradas e Rodagem, em 1989. Durante a década de 1950, fez interessantes contribuições para o cenário arquitetônico alagoano, citando, por exemplo, a Residência Paulo Netto (1953) e o prédio da Sociedade de Medicina de Alagoas (1956).

**9** Informação relatada durante entrevista com a arquiteta Maria do Carmo Schwab em 2017.

**10** Não é sabido o tempo exato de trabalho no ETUB, porém participou em todos os projetos liderados por Jorge Machado Moreira, também seu marido, que ali permanece até 1962 (FREIRE, 2022, p.160).

**11** Informação levantada por pesquisas internas do próprio IAB-Nacional.

**12** Segundo publicação do jornal Tribuna da Imprensa (1952), Pirro era Assistente da cadeira de Geometria Descritiva da Escola Nacional de Engenharia e Livre Docente da Faculdade Nacional de Arquitetura.

**13** Lygia Fernandes integra a equipe de Giuseppina Pirro, Francisco Bolonha e Israel Correia no projeto para a Sede do Jôquei Clube do Rio de Janeiro (1948), que fica em segundo lugar, mas merece a publicação na revista *Architecture d’Aujourd’hui* (n.21).

**14** Contato profissional que provavelmente influencia a publicação de um projeto de Fernandes no livro *Modern Architecture in Brazil* (1956), de autoria de Mindlin.

**15** Entrevista concedida em 2017.